

# Entrevista com Luis Alberto de Abreu<sup>1</sup>

Por Stephan Baumgärtel<sup>2</sup>

Quais são os impulsos cênicos e/ou sociais que possuem mais impacto em seu trabalho enquanto dramaturgo?

Talvez por não ser diretor, alguém que trabalhe diretamente com o ator e os equipamentos teatrais, o meu maior impulso cênico sempre foi o palco vazio. A imagem de um palco vazio sempre me pareceu estímulo cênico suficiente e me impulsionou a buscar formas de preenchê-lo, de estabelecer relações possíveis entre ele e a plateia. Até hoje um palco vazio é para mim um mistério e exerce um grande fascínio. Algo desse palco vai em direção à plateia, às pessoas. Há algo a ser revelado, alguma coisa de grande importância tem de ser partilhada, um segredo que é impossível de ser guardado, e o local é esse, o palco. Esse é, em geral, meu primeiro impulso, diria o impulso gerado pela linguagem. Os impulsos sociais são fundamentos complementares e não menos importantes. Poder, opressão, a morte e o pequeno ser humano enredado nesses mecanismos me fascinam e atraem.

Qual é a função da palavra e do texto teatral em suas montagens (ou dispositivos cênicos)?

Gosto das palavras, principalmente de sua eloquência poética, de sua capacidade de envolvimento, mas no teatro sua função é sempre complementar e acessória. Nesse sentido, interessa-me mais sua função me-

diadora, de transmissão e expressão dos conflitos humanos. Interessa-me principalmente a experiência humana, toda (a tola, a trágica, a filosófica), e as palavras me interessam enquanto intermediárias entre as ações da experiência humana e as pessoas.

**Qual é a função e a importância da tradição dramática em seu processo dramático?**

Para mim, a função e a importância da tradição dramática são muitos grandes. A tradição dramática tem sido muito questionada nos dias de hoje e é bom que assim seja. Ela é limitada, como de resto qualquer linguagem igualmente o é. Nenhuma dá conta total da complexidade do ser e da sociedade, por isso o atual momento é muito estimulante no que diz respeito à revisão da eficácia de cada uma delas e novas conformações delas nas obras. No entanto, tenho muita resistência em abandonar a tradição dramática, primeiro porque são ainda formas eficientes de organização cênica e comunicação. Segundo porque reconheço na tradição dramática elementos constitutivos da própria linguagem teatral. São esses elementos que organizam a linguagem que me interessam, não os artifícios do gênero. É nesse sentido que resisto em abandoná-los

**Do seu ponto de vista, quais são as barreiras e riscos mais iminentes que a dramaturgia brasileira contemporânea precisa enfrentar?**

A principal barreira, em minha opinião, é o público. E o que chamo de pú-

<sup>1</sup> Luis Alberto de Abreu (São Bernardo do Campo SP 1952). Autor, roteirista de cinema e TV, professor, consultor de dramaturgia e roteiro. [...] Luis Alberto de Abreu escreve em estreita colaboração com companhias de teatro, porém sua dramaturgia alcança autonomia literária. Fonte: [http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia\\_teatro/index.cfm?fuseaction=personalidades\\_biografia&cd\\_verbete=254](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_teatro/index.cfm?fuseaction=personalidades_biografia&cd_verbete=254). Acesso: 30 jun 2013.

blico não é o público restrito, pagador de ingressos. Público para mim são todos. Às vezes tenho a impressão que o teatro se restringe a um gueto e não gosto de guetos. O problema fundamental é como conversar com o público de um lado e, de outro, como partilhar questões fundamentais e comuns. Há toda uma pesquisa teórica e filosófica que precisa transformar-se em cena eficiente. Se de um lado há uma pesquisa contundente por outro vejo o teatro muito confortável, sem contradições humanas e sociais profundas. O mundo está estilhaçado em inúmeras fraturas e o teatro está bem posto e confortável. Imagino sempre que estamos perdendo contato com o público, me questiono sempre se o que mostro é importante para o público. Não gostaria de ver no teatro o mesmo destino da ópera que ainda sobrevive dos grandes autores do século XIX.

Como você vê a importância das oficinas de dramaturgia as quais você administrou e como você vê os resultados concretos delas?

É muito difícil avaliar os resultados concretos delas, isso o tempo vai apontar. O que sei é que dramaturgia era um termo praticamente desconhecido e os dramaturgos atuantes cabiam na palma de uma mão. Hoje o estudo da dramaturgia faz parte do dia a dia do teatro e praticamente não existe um grupo que não pratique a própria dramaturgia ou não interfira no processo de sua construção. Nesse sentido alguma coisa mudou no teatro e essa coisa foi importante. Creio que contribui um pouco para que isso acontecesse.

**Como você vê o papel do Estado no processo de construir e consolidar uma Dramaturgia Brasileira Contemporânea?**

Há que se dividir o papel que o Estado desempenha e a função dele. O Estado brasileiro continua ainda grosseiro e filistino. É desalentador ver o Estado assumir os mesmos valores da iniciativa privada: mer-

cado e público pagante, arte como produto mercadológico. Essa é a mentalidade geral. Com exceção de medidas pontuais aqui e ali, nada mudou, em substância, no papel do Estado desde os séculos anteriores. O papel do Estado sempre esteve aquém do necessário e não vejo muitas possibilidades de mudança a curto e médio prazo. A exemplo de uma empresa, o Estado continua uma outra forma de fazer negócios, ponto!

**Tem algo que você considera importante para complementar estas questões?**

Acredito que todo ser humano tem uma função social. Reconheço que isso é uma forma de crença laica, uma forma de enfrentar a maior questão filosófica do ser humano que é “o que significa viver?” Estou sempre me perguntando qual é a função do artista porque creio que vá além do divertimento do público ou de ocupar seu lugar no mercado. Transformar o mistério do mundo em uma relação de troca monetária é amesquinhar o ser humano, o artista, o mundo. Talvez esse impulso seja busca de um éden ateu, de uma idade do ouro mítica. Mas não importam as definições, penso que somos impelidos a isso.